

Ideias Titubeantes em Tempo de Confinamento II

Lúcia Maciel Barbosa de Oliveira¹

Tenho procurado ler, assistir e ouvir coisas diversas, que me ampliem as formas de percepção sobre o mundo no momento presente, por demais insólito, e permitam pensar devires, outros mundos possíveis, desejosa de que não retomemos a vida anterior à pandemia, já por demais insólita em muitos aspectos. Perceber o que está implicado no fenômeno em que estamos mergulhados, tatear possibilidades, dar espaço às sensações, aos sonhos, à vida a vir é forma de tentar se inserir nas urgências do presente. A percepção exige empenho, como há muito nos alertara o artista Antoni Muntadas.

Uma das vozes mais inspiradoras para mim tem sido a do Ailton Krenak: promove curto circuitos na mesmice, na repetição de preceitos e assertivas que em nada ampliam a possibilidade de estar no mundo e de pensar futuros. Voz inspiradora, assim como a de Davi Kopenawa, Sílvia Cusaquanqui, Eduardo Viveiros de Castro, Sidarta Ribeiro, Paul Celan, Hilda Hilst, Octavio Paz. Vozes que permitem ampliar desejos, gritar dores, descontentamentos, enunciar corpos e lugares, ousar experimentações no pensamento e na ação. Não apenas rasurar ou ranger conceitos e teorias, mas experimentar formas outras de pensar, manter-se em voo livre para compreender, mesmo de maneira transitória, o que pensamos e sentimos, as afetações do corpo.

Em sua fala na abertura da Mostra Internacional de Teatro – MIT, realizada em março deste ano, dias antes da decretação do isolamento em virtude da pandemia, Ailton Krenak formula uma reflexão instigante: “Nós adiamos o fim de cada mundo, a cada dia, exatamente criando

¹ Diretora do Centro Universitário Maria Antonia (Ceuma) da USP, professora da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da USP e membro do Grupo de Estudos Humanidades Computacionais do IEA-USP.

um desejo de verdade de nos encontrarmos amanhã, no final do dia, no ano que vem. Esses mundos encapsulados uns nos outros que nos desafiam a pensar um possível encontro das nossas existências – é um desafio maravilhoso”².

Em outras palavras, criar oportunidades de fruição da vida a partir dos encontros, da experiência dos encontros como devir, é manter a vida, individual e coletiva, é pensar possibilidades para a construção de outras formas de vida a vir. Suas reflexões sobre o encontro referem-se não apenas aos encontros interpessoais, mas aos encontros entre culturas, entre grupos, entre tradições, entre formas de vida, entre sujeitos que querem viver experiências coletivas. “Eu não me vejo andando sozinho no mundo”, diz ele, e prossegue: “se a ideia do encontro é pacificadora, alentadora, e é uma promessa, o cotidiano é uma constante negação do encontro”.

Se a negação do encontro era uma das características da forma de vida anterior à pandemia, o isolamento configurou-se como saída para conter a contaminação e a mortandade que vieram de maneira avassaladora como consequência. Manter-se isolado tornou-se um compromisso coletivo³. Com exceção dos serviços considerados essenciais, em grande parte das cidades do mundo e São Paulo, desde onde escrevo, é uma delas, tudo foi fechado, impossibilitando os encontros presenciais. Quanto maior o isolamento maior a chance de contenção e controle da pandemia.

As instituições culturais, fechadas para atividades presenciais, foram rapidamente mobilizadas para produzir conteúdos a serem disponibilizados em suas plataformas on-line, viabilizados de maneira relativamente fácil pelas tecnologias disponíveis. Uma avalanche de conteúdos foi rapidamente disponibilizada, alguns anteriormente produzidos, outros produzidos a partir do fechamento das instituições, numa corrida excitada para manter não apenas a instituição viva; para ofertar conteúdos para uma multidão de pessoas ávidas por acessar materiais de diferentes ordens, do entretenimento às linguagens artísticas mais diversas, de informações triviais às discussões mais densas, para públicos heterogêneos; como para não estar de fora dos canais possíveis de circulação e visibilidade. Há uma profusão de conteúdos quase paralisante que mantêm quase sem alteração a lógica do espectador, mesmo com as

² KRENAK, A. **Do Tempo**. N-1 Edições. Coleção Pandemia. Acessível em <https://n-ledicoes.org/038>

³ Descumprido por aqueles que, capitaneados pelo presidente de plantão, arauto da imbecilidade, negam todas as evidências científicas e as ações racionais.

aberturas para participação do público. Tudo parece ter mudado para continuar como era. E parece ter vindo para ficar por muito tempo.

Essa é uma questão relevante para se pensar o papel das instituições culturais em momento de tantas incertezas, tantos questionamentos. Acredito cada vez mais na relevância das instituições culturais como espaços de encontro, de experimentações, como um “terceiro espaço”, para falar com Homi Bhabha, espaço intersticial que se produz através da ambivalência, da contradição, da negociação que o encontro das diferenças permite; não sintético, não redutível, mas que permite criar um sentido de lugar, mesmo provisório, em que é possível articular sentidos numa perspectiva ético-política. Como articular esse eixo de ação das instituições culturais, ancoradas no compartilhamento de experiências, no fazer com, cooperativo, com a impossibilidade de encontro presencial, com a afetação dos corpos que advém da presença?

No exato momento em que precisamos ousar experimentações, retomar a perspectiva de pensar mundos possíveis, criar formas para configurá-los, sermos mais erráticos, vivemos a “livezação” de tudo, neologismo emblemático para a forma da e-cultura que parece ser a tônica dominante nos dias que correm. A sociedade segue excitada e tal perspectiva é assustadora.

22 de maio de 2020